

A Fé Explicada

CAPÍTULO IV

A criação e os anjos

Como começou a criação?

Às vezes, um costureiro, um pasteleiro ou um perfumista se gabam de lançar uma nova “criação”. Quando isso ocorre, usam a palavra “criação” num sentido muito amplo. Por mais nova que seja uma moda, terá que se basear num tecido de algum tipo. Por mais agradável que seja uma sobre-mesa ou um perfume, têm que se basear em alguma espécie de ingrediente.

“Criar” significa “fazer do nada”. Falando com propriedade, só Deus, cujo poder é infinito, pode criar.

Há cientistas que se afanam hoje em dia tentando «criar» vida em tubos de ensaio nos seus laboratórios. Uma vez e outra, após repetidos fracassos, misturam os seus ingredientes químicos e combinam as suas moléculas. Não sei se algum dia conseguirão ter êxito ou não. Mas, ainda que a sua paciência seja recompensada, não se poderá dizer que chegaram a criar uma nova vida. Terão trabalhado todo o tempo com materiais que Deus lhes proporcionou.

Quando Deus cria, não necessita de materiais ou utensílios para poder trabalhar. Simplesmente, *quer* que alguma coisa seja, e pronto, essa coisa surge. *Faça-se a luz*, disse Ele no principio, *e a luz foi feita...* *Faça-se um firmamento entre as águas*, disse Deus, *e assim se fez* (Gn 1,3-8).

“Cremos que Deus não precisa de nada preexistente nem de nenhuma ajuda para criar. A criação também não é uma emanção necessária da substância divinas” (n. 296).

A vontade criadora de Deus não só chamou todas as coisas à existência, como as *mantém* nela. Se Deus retirasse o sustentáculo da sua vontade de qualquer criatura, esta deixaria de existir naquele mesmo instante; voltaria ao nada do qual saiu.

As primeiras obras da criação divina são os anjos. Um anjo é um espírito, quer dizer, um ser com inteligência e vontade, mas sem corpo, sem dependência alguma da matéria.

“A existência dos seres espirituais, não corporais, que a Sagrada Escritura chama habitualmente de anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura a respeito é tão claro quanto a unanimidade da Tradição” (II. 328).

A alma humana também é um espírito, mas nunca será anjo, nem sequer durante o tempo em que, separada do corpo pela morte, esperar a ressurreição. A alma foi feita para estar unida a um corpo físico. Dizemos que tem “afinidade” para um corpo. Uma pessoa humana, composta de alma e corpo, será incompleta sem corpo. Falaremos mais extensamente disto quando tratarmos da ressurreição da carne. Mas, de momento, queremos apenas salientar o fato de que um anjo sem corpo é uma pessoa completa, e que um anjo é muito superior ao ser humano.

Na literatura e no cinema existem muitas histórias sobre habitantes de outros planetas, geralmente representados como mais inteligentes e poderosos que nós, pobres mortais ligados à terra. Mas nem o mais engenhoso dos escritores de ficção científica poderá fazer justiça à beleza deslumbrante, à inteligência poderosa e ao formidável poder de um anjo. Se isto é assim na ordem inferior das hostes celestiais - na ordem dos anjos propriamente chamados assim -, que não dizer das ordens ascendentes de espíritos puros que se encontram acima dos anjos? Na Sagrada Escritura enumeram-se os arcanjos, os principados, as potestades, as virtudes, as dominações, os tronos, os querubins e os serafins. É muito possível que um arcanjo esteja a tanta distância de um anjo, em perfeição, como este de um homem.

Aqui embaixo, evidentemente, sabemos bem pouco sobre os anjos, sobre a sua natureza íntima ou os graus de distinção que há entre eles¹.

Nem sequer sabemos quantos são, mesmo que a Bíblia indique que o seu número é muito grande. *Milhares de milhares O servem e mil milhões mais estão diante dele*, diz o livro de Daniel (7,10).

Só nos foram dados a conhecer os nomes de três anjos: Gabriel, «Fortaleza de Deus»; Miguel, «Quem como Deus?»; e Rafael, «Remédio de Deus». É como se Deus se tivesse contentado com deixar-nos vislumbrar apenas a magnificência e as maravilhas que nos aguardam no mundo para além do tempo e do espaço. Como as linhas de perspectiva de um quadro conduzem a atenção para o assunto central, assim os coros ascendentes dos espíritos puros levam irresistivelmente a nossa atenção para a suprema Majestade de Deus, de um Deus cuja infinita perfeição é incomensuravelmente superior à do mais excelso dos serafins.

E recordemos que não estamos falando de um mundo de fantasia e imaginação. É um mundo muito mais real que todos os planetas de todas as galáxias, mais substancial que o chão que pisamos. Mas o melhor de tudo é que podemos ir para esse mundo sem a ajuda de naves interplanetárias. É um mundo para o qual iremos, se quisermos.

¹ O Catecismo da Igreja Católica resume as principais aparições angélicas contidas no Antigo e no Novo Testamento nos números 331-333.

Quando Deus criou os anjos, dotou cada um de uma *vontade* que o faz supremamente livre. Sabemos que para se alcançar o céu é necessário amar a Deus. É pelos seus atos de amor a Deus que um espírito, seja anjo ou alma humana, fica habilitado a ir para o céu. E este amor tem que ser provado pelo único modo como o amor *pode* ser provado: pela livre e voluntária submissão da vontade criada por Deus, por aquilo que chamamos comumente um «ato de obediência» ou um «ato de lealdade».

Deus dotou os anjos de livre-arbitrio para que fossem capazes de fazer o seu ato de amor por Ele, de escolhê-lo. Só depois é que O veriam face a face; só então poderiam entrar nessa união eterna com Ele a que chama-mos «céu».

Deus não nos deu a conhecer a espécie de *prova* a que submeteu os anjos. Muitos teólogos pensam que deu aos anjos uma visão prévia de Jesus Cristo, o Redentor da raça humana, e lhes mandou que O adorassem.... Jesus Cristo em todas as suas humilhações, uma criança no estábulo, um criminoso na cruz. Segundo esta teoria, alguns anjos se teriam rebelado ante a perspectiva de terem que adorar ao Deus encarnado. Conscientes da sua própria magnificência espiritual, da sua beleza e dignidade, não quiseram fazer o ato de submissão que a adoração a Jesus Cristo lhes pedia. Sob a chefia de um dos anjos mais dotados, Lúcifer, Portador da luz», o pecado de orgulho afastou de Deus muitos anjos, e o terrível grito *non serviam*, «não servirei», percorreu os céus.

«A Escritura fala de um pecado desses anjos. Esta "queda" consiste na opção livre desses espíritos criados, que rejeitaram radical e irrevogavelmente a Deus e seu Reino. Temos um reflexo desta rebelião nas palavras do Tentador ditas a nossos primeiros pais: "E vós sereis como deuses" (Gn 3,5). O Diabo é "pecador desde o princípio" (1Jo 3,8), "pai da mentira" (Jo 8, 44)» (n. 392).

E assim começou o inferno. Porque o inferno é, essencialmente, a rebelião de um espírito que se separa de Deus.

Quando a raça humana pecou na pessoa de Adão, Deus ofereceu ao género humano uma segunda oportunidade. Mas não houve segunda oportunidade para os anjos rebeldes. Dadas a perfeita clareza da sua mente angélica e a desimpedida liberdade da sua vontade angélica, nem a infinita misericórdia de Deus podia encontrar desculpa para o pecado dos anjos: eles compreendiam (num grau a que Adão jamais poderia chegar) quais seriam as consequências do seu pecado, e não houve neles «tentação» no sentido em que ordinariamente entendemos a palavra. O seu pecado foi o que poderíamos chamar um pecado «a sangue frio». Por terem rejeitado a Deus deliberada e plenamente, as suas vontades permaneceram fixas contra Deus, fixas para sempre. Neles não é possível o arrependimento, pois não

querem arrepender-se. Fizeram a sua escolha por toda a eternidade. Neles arde um ódio perpétuo contra Deus e contra todas as suas obras.

Não sabemos quantos anjos pecaram; Deus não quis informar-nos acerca disso. Pelas referências da Sagrada Escritura, inferimos que os anjos caídos (os «demónios», como comumente os chamamos) são numerosos. Mas o mais provável é que a maioria das hostes celestiais tenha permanecido fiel a Deus, tenha feito o seu ato de submissão a Deus e esteja com Ele no céu.

Frequentemente chama-se «Satanás» ao demônio. É uma palavra hebraica que significa «adversários». Os diabos são, claro está, os adversários, os inimigos dos homens. No seu ódio inextinguível a Deus, é natural que odeiem também a sua criatura, o homem. O seu ódio torna-se ainda mais compreensível à luz da crença de que Deus criou os homens precisamente para substituir os anjos que pecaram, para preencher o vazio que deixaram com a sua deserção.

Ao pecarem, os anjos rebeldes não perderam nenhum dos seus dons naturais. O diabo possui uma acuidade intelectual e um poder sobre a natureza incomparavelmente superiores aos dos seres humanos. Toda a sua inteligência e todo o seu poder concentram-se agora em afastar do céu as almas a ele destinadas. Os seus esforços encaminham-se agora incansavelmente no sentido de arrastar o homem ao seu mesmo caminho de rebelião contra Deus. Em consequência, dizemos que os demônios nos tentam ao pecado.

Não conhecemos o limite exato do seu poder. Ignoramos até que ponto podem influir sobre a natureza humana, até que ponto podem dirigir o curso normal dos acontecimentos para induzir-nos à tentação, para levar-nos ao ponto em que devemos decidir entre a vontade de Deus e a nossa vontade pessoal. Mas sabemos que o demônio nunca poderá forçar-nos a pecar. Não pode destruir a nossa liberdade de escolha. Não pode, por assim dizer, forçar-nos a um «sim» quando realmente queremos dizer «não». Mas é um adversário a quem é muito saudável temer.

O demônio é real?

Alguém disse que o mais encarniado dos pecadores dedica mais tempo a fazer coisas boas ou indiferentes do que coisas más. Em outras palavras, que sempre há algum bem, mesmo no pior dos homens.

É isto o que torna tão difícil compreender a real natureza dos demónios. Os anjos caídos são espíritos puros sem corpo. São absolutamente imateriais. Quando fixaram a sua vontade contra Deus no seu ato de rebelião, abraçaram o mal (que é a rejeição de Deus) com toda a sua natureza. Um demônio é cem por cento mau; cem por cento ódio, sem que se possa achar um mínimo resto de bem em parte alguma do seu ser.

A inevitável e constante convivência da alma com estes espíritos, cuja maldade sem paliativos é uma força viva e ativa, não será o menor dos horrores do inferno.

Nesta vida sentimos desgosto, mal-estar, quando encontramos alguém manifestamente depravado. Com dificuldade suportaremos, pois, a ideia do que será estar agrilhado por toda a eternidade à maldade viva e absoluta, cuja força de ação ultrapassa incomensuravelmente a do homem mais corrompido. Dificilmente suportaremos pensar nisso, mas devemos fazê-lo de vez em quando. O nosso grande perigo aqui na terra é *esquecer que o demônio é uma força viva e atuante*.

Mais perigoso ainda é deixarmos-nos influir pela *soberba intelectual* dos Incrédulos. Se nos dedicássemos a ler livros «científicos» e a escutar «especialistas» que pontificam que o diabo é «uma superstição medieval» há muito superada, insensivelmente acabaríamos por pensar que se trata de uma figura retórica, de um símbolo abstrato do mal, sem substância real. Seria um erro fatal. Nada convém mais ao diabo do que esquecermo-nos dele, ou não lhe prestarmos atenção e, principalmente, não acreditarmos nele. Um inimigo de cuja presença não suspeitamos, que pode atacar emboscado, é duplamente perigoso. As possibilidades de vitória de um inimigo aumentam em proporção à cegueira ou inadvertência da vítima.

O que Deus faz, não o desfaz. O que Deus dá, não o tira. Ele deu aos anjos inteligência e poder de ordem superior, e não os revoga, nem mesmo no caso dos anjos rebeldes. Se um simples ser humano pode induzir-nos a pecar, se um companheiro pode dizer: «Vem cá, José, vamos sair de farra esta noite»; se uma vizinha pode dizer: «Por que você não experimenta tal e tal método anticoncepcional, Rosa? Você também tem o direito de descansar e de não ter mais filhos por algum tempo», o demônio pode dizê-lo com muito mais poder de convicção, colocando-nos perante *tentações* sutis e muito menos claras.

Mas não pode fazer-nos pecar. Não há poder na terra ou no inferno que nos possa obrigar a pecar. Sempre temos o nosso livre-arbítrio; sempre nos fica a capacidade de escolher, e essa decisão, ninguém a pode impor-nos. José pode dizer «Não!» ao companheiro que lhe propôs a noite de farra. Rosa pode dizer «Não!» à vizinha que lhe recomendou o anticoncepcional. E todas as tentações que o demônio possa apresentar-nos no nosso caminho, por mais fortes que sejam, podem ser repelidas com a mesma firmeza. Não há pecado a não ser que e até que a nossa vontade se ataste de Deus e escolha um bem inferior em seu lugar. Ninguém jamais poderá dizer de verdade: «Pequei porque não pude evitá-lo».

É evidente que nem todas as tentações vêm do diabo. Muitas vêm do mundo que nos rodeia, até de amigos e conhecidos, como no exemplo anterior. Outras procedem de forças interiores profundamente arraigadas em nós - a que chamamos paixões - , forças imperfeitamente controladas e, com frequência, rebeldes, que são o resultado do pecado original. Mas seja qual for a origem da tentação, sabemos que, se quisermos, podemos dominá-la.

Deus não pede a ninguém o impossível. Ele não nos pediria amor constante e lealdade absoluta se nos fosse impossível dá-los. Então, devemos angustiar-nos ou assustar-nos porque virão tentações? Não; é precisamente vencendo a tentação que adquirimos mérito diante de Deus; pelas tentações encontradas e vencidas, crescemos em santidade. Teria pouco mérito sermos bons, se fosse fácil. Os grandes santos não foram homens e mulheres sem tentações; na maioria dos casos, sofreram tentações terríveis e, vencendo-as, santificaram-se.

«O poder de Satanás não é infinito. Ele não passa de uma criatura, poderosa pelo fato de ser puro espírito, mas sempre criatura: não é capaz de impedir a edificação do Reino de Deus. Embora Satanás atue no mundo por ódio contra Deus e seu Reino em Jesus Cristo, e embora a sua ação cause graves danos - de natureza espiritual e, indiretamente, até de natureza física para cada homem e para a sociedade, esta ação é permitida pela Divina Providência, que com vigor e doçura dirige a história do homem e do mundo. A permissão divina da atividade diabólica é um grande mistério, mas "nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam" (Rm 8,28)» (II. 395).

É claro que não podemos vencer essas batalhas sozinhos. Temos de ter o auxílio de Deus para reforçar a nossa vontade enfraquecida. *Sem Mim, nada podeis fazer*, diz-nos o Senhor. O seu auxílio, a sua graça está à nossa disposição em abundância ilimitada, se a desejarmos, se a procurarmos. A confissão frequente, a comunhão e a oração habituais (especialmente à hora da tentação) tornar-nos-ão imunes à tentação, se fizermos o que está ao nosso alcance.

Mas não temos também o direito de esperar que Deus faça tudo. Se não evitarmos os perigos desnecessários, se, na medida em que pudermos, não evitarmos as circunstâncias - as pessoas, lugares ou coisas que possam induzir-nos à tentação -, não estaremos cumprindo com a nossa parte. Se andarmos buscando o perigo, ataremos as mãos de Deus. Afogaremos a graça na sua própria fonte.

Às vezes, dizemos de uma pessoa cujas ações são especialmente maldosas: Deve estar possuída pelo demônio. A maioria das vezes, quando qualificamos alguém de «possesso», não queremos ser literais, simplesmente indicamos um grau anormal de maldade.

Mas a *possessão diabólica* existe, real e literalmente. Como mencionamos antes, desconhecemos a extensão total dos poderes do demônio sobre o universo criado, no qual se inclui a humanidade. Sabemos que nada pode existir sem que Deus o permita. Mas também sabemos que Deus, ao realizar os seus planos para a criação, não tira normalmente (nem dos anjos nem dos homens) nenhum dos poderes que concedeu originalmente.

Em qualquer caso, tanto a Bíblia como a história, além da contínua experiência da Igreja, mostram com clareza meridiana que a possessão diabólica existe, ou seja, que o diabo penetra no corpo de uma pessoa e controla as suas atividades físicas: a sua palavra, os seus movimentos e ações. Mas o diabo não pode controlar a alma; a liberdade da alma humana permanece inviolável, e nem todos os demônios do inferno juntos podem

forçá-la. Na possessão diabólica, a pessoa perde o controle das suas ações físicas, que passam para um poder mais forte, o do demônio. O que o corpo faz, é o demônio que o faz, não a pessoa.

O demônio pode exercer outro tipo de influência. É a *obsessão diabólica*. Nela, mais que do interior da pessoa, o diabo ataca de fora. Pode agarrar um homem e derrubá-lo; pode tirá-lo da cama, atormentá-lo com ruídos horríveis e manifestar-se de inúmeras formas. São João Batista Vianney, o amado Cura d'Ars, teve que sofrer muito por essa espécie de influência diabólica.

Tanto a possessão diabólica como a obsessão raras vezes se encontram hoje em terras cristãs; é como se o Sangue redentor de Cristo houvesse aprisionado o poder de Satã. Mas são ainda frequentes em terras pagãs, como muitas vezes testemunham os missionários, ainda que não tanto como antes do Sacrifício redentor de Cristo.

O rito religioso para expulsar um demônio de uma pessoa possuída ou obscura chama-se *exorcismo*. No ritual da Igreja existe uma cerimônia especial para este fim, na qual o Corpo Místico de Cristo recorre à sua Cabeça, o próprio Jesus, para que quebre a influência do demônio sobre determinada pessoa. A função de exorcista é própria de todo sacerdote, mas só se pode exercê-la oficialmente com licença especial do Bispo, e sempre que uma cuidadosa investigação tenha demonstrado que se trata de um caso autêntico de possessão, não de uma simples doença mental.

Evidentemente, nada impede que um sacerdote utilize o seu poder de exorcista de forma privada, não oficial. Sei de um sacerdote que ouvia num trem uma torrente de blasfêmias que lhe dirigia um passageiro sentado à sua frente. Por fim, o sacerdote disse interiormente. «Em nome de Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, ordeno-te que voltes para o inferno e deixes tranquilo este homem». As blasfêmias cessaram instantaneamente.

Em outra ocasião, esse mesmo sacerdote usou do mesmo exorcismo privado diante de um casal que discutia encarniçadamente, e na hora se lhes amainou a ira. O demônio está presente e atua com frequência: não apenas em casos extremos de possessão ou obsessão.

Falamos dos anjos caídos com certa extensão por causa do grave perigo que se corre de encarar com leviandade a sua presença e o seu poder (que Deus nos defenda da cilada mais sutil do demônio: a de negar a sua existência por não estar na moda acreditar nele). Parece mais fácil e agradável acreditar na realidade dos anjos bons e no seu poder para o bem, que é, evidentemente, muito maior que o de Satanás para o mal.

Os anjos que permaneceram fiéis a Deus estão com Ele no céu, em amor e adoração perpétuos, o que (Deus o queira) será também o nosso destino. A sua vontade é agora a de Deus. Os anjos, como a nossa Mãe Santa Maria e os santos, estão intensamente interessados no nosso bem, em ver-nos no céu. Intercedem por nós e utilizam o poder angélico (cuja extensão também desconhecemos) para ajudar aqueles que querem e aceitam a sua ajuda.

Que os anjos nos ajudam, é matéria de fé. Se não cremos nisso, também não cremos na Igreja e nas Sagradas Escrituras. Que cada um tem um anjo da guarda pessoal, não é matéria de fé, mas crença comumente aceita por todos os católicos. E, assim como honramos a Deus com a nossa devoção aos seus amigos e heróis - os santos -,

cometeríamos um grande erro se não honrássemos e invocássemos as suas primeiras obras-primas, os anjos, que povoam o céu e protegem a terra.